

Rompendo as velhas mortalhas: a violência contra a mulher e sua relação com o imaginário androcêntrico de "Deus" na Igreja Metodista do Chile

*Raquel Carmen Riquelme Martinez**

RESUMO

Através da análise da violência contra a mulher, a autora tenta mostrar a relação entre este fato e a imagem androcêntrica de Deus, no contexto específico da relação entre homens e mulheres da Igreja Metodista do Chile. Ela utiliza o método da teologia feminista para analisar e criticar a imagem masculina de Deus. O objetivo desse texto é contribuir para a reflexão teológico-pastoral a partir da perspectiva das mulheres, na busca da superação da violência contra as mesmas.

Palavras-chave: imagem de Deus, masculinidade, gênero, patriarcado, violência contra mulheres.

ABSTRACT

Through the analysis of the violence against women, the author tries to show the relation between this fact and the androcentric image of God, in the specific context of the relationship between men and women in the Methodist Church in Chile. She uses the method of Feminist Theology to analyse

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo na área de concentração *Práxis Religiosa e Sociedade*. Atualmente é pastora na Igreja Metodista do Chile.

and criticize the masculine image of God. The objective of this text is to contribute for the pastoral-theological reflection from the women's perspective, in order to overcome the violence against women.

Keywords: image of God, masculinity, gender, patriarchy, violence against women

Um pouco da minha história

Fiquei no Brasil sete anos. A opção de vir para o Chile foi resultado da coragem de enfrentar dificuldades, correndo em prol de um sonho: fazer pós-graduação. Entretanto, poderia dizer que minha formação acadêmica começou lá nos anos 60, quando educar era mais que passar informação. Continuei nos anos 70, estudando Pedagogia na Universidade do Chile, mas o golpe militar interrompeu minha ilusão de tornar-me professora.

Parei de estudar durante quase 11 anos. Nesse período aconteceram situações alegres, o nascimento dos meus sobrinhos, assim como situações tristes e dolorosas, como foi a morte de minha mãe. No meio do todo o ambiente de incertezas existenciais, políticas, econômicas e familiares dessa época, senti a necessidade de dar um novo rumo a minha vida. Lembrei-me de uma velha aspiração, adiada por situações que escaparam a minha vontade.

Eu queria ser pastora, porém o "meu pastor" recomendou-me esquecer dessa idéia. Alinhavou vários argumentos, mas o mais importante era o fato de eu ser mulher. Nesse momento eu não entendi muito bem o que era isso e aceitei seus argumentos, pois minha educação foi nos conformes patriarcais da época de obediência e submissão. Esqueci meu projeto de vida por quase 10 anos, sai da igreja e fui conhecer o mundo. Entretanto, passado esse tempo decidi enfrentar as convenções e as discriminações e seguir em frente. Dei uma virada na minha vida em 180°. Demiti-me do meu trabalho secular e no ano de 1986 fui estudar Teologia na *Comunidad Teológica Evangélica* em Santiago, Chile.

O convívio com os/as colegas, a prática pastoral, o estudo teológico, fizeram-me enxergar outro mundo que eu não conhecia ou, talvez, não queria ver. Um mundo de dor, discriminação e preconceitos. Conheci a vida sofrida de muitas mulheres que, por anos e anos, levavam o fardo da violência intrafamiliar. Maridos violentos, miséria, frustrações, sonhos inconclusos ou adiados, como foram também os meus sonhos.

Essas experiências fizeram com que começasse a refletir e questionar nossas "verdades eternas" as quais, por uma parte, falavam de liberdade, mas por outra continuavam prendendo-nos em velhas mortalhas. Observava a experiência de mulheres evangélicas (na minha experiência, mulheres principalmente metodistas), que viajaram pela vida assegurando um matrimônio, sacrificando-se pelos filhos/as e esquecendo-se delas mesmas. Essa situação me fez suspeitar da existência de um elemento desencadeador e que parecia estar assaz relacionado com nossa religião cristã.

Foi nessa procura que me encontrei com outras mulheres que também começavam a comprometer-se com a problemática da violência intrafamiliar, principalmente no âmbito da família. Participamos com elas no trabalho, primeiro para denunciar os fatos, logo na procura de uma explicação, para depois continuar com o compromisso de aportar, ainda que minimamente, na luta pela erradicação e superação da violência. Nesse intento, projetei a dissertação de Mestrado. Pretendia evidenciar que o problema da violência contra a mulher existe sim, na Igreja Metodista no Chile. Assim, foi dessa dissertação que saíram algumas idéias utilizadas para o projeto de tese de doutorado.

A aspiração era a partir de uma análise teórica, elementos para abordagem da violência contra a mulher. O intuito era descobrir a provável relação entre o imaginário androcêntrico de Deus e a violência contra a mulher. Para tanto, fomos elaborando a teses enfatizando o estudo exploratório de alguns elementos presentes na construção do masculino e feminino na sociedade chilena, da

teologia feminista e do papel da linguagem na implantação das ideologias.

Corpo da tese

Nossa pesquisa insere-se, em princípio, no contexto das famílias da Igreja Metodista no Chile (doravante IMECH). Porém, para a análise da questão levamos em consideração o sistema social no qual essas famílias estão inseridas. Para tanto, valorizamos a análise na sociedade ocidental judaico-cristão, como macrossistema, lugar onde estão inseridas as formas organizacionais, os subsistemas de crenças e os estilos de vida que prevalecem numa cultura. Entre essas divisões temos, especificamente, a religião patriarcal, os padrões de conduta androcêntrico e universais que impregnam as distintas hierarquias como acontece na cultura e na sociedade ocidental.

O tema da pesquisa surge, pois, no interior da IMECH, na qual a violência contra a mulher não era uma problemática considerada nos programas de vida e missão. Porém, isso não significava que o fato não fosse real. No ano de 1991 começamos ouvir as vozes das mulheres, vozes e desabafos que estavam impregnadas de dores, de mágoas e tristezas não resolvidas. Escondidas na vergonha de assumir as dificuldades perante o pastor, que também era um homem como seus esposos. Viveram por muito tempo suportando e sufocando a violência experimentada no dia-a-dia, violência não apenas física, psicológica ou sexual, mas também a violência que permeia a estrutura de uma sociedade eminentemente androcêntrica.

Entendemos, deste modo, que a violência contra a mulher não é um fato apenas exercido em sistemas nucleares como a família, mas uma situação institucionalizada que supera qualquer categoria: raça, etnia, religião, idade e/ou gênero. Observamos na nossa prática pastoral que o padrão agressivo e violento parecia manifestar-se por uma conduta de obediência e submissão. Estes comportamentos, praticados pelos mais fracos perante os mais fortes e poderosos, surgem no

momento em que estes vêem sua autoridade ameaçada e recorrem à violência com o propósito de restabelecer a ordem institucional em risco. Já no início de nosso trabalho pastoral começamos a perceber estas condutas em situações pontuais e domésticas. Logo, no decorrer do estágio, deparamo-nos com o fato de que não era uma conduta isolada, mas parecia obedecer a uma estrutura social maior.

Podemos acrescentar também que as igrejas de tradição evangélica no Chile realizam atividades semanais quando não diárias, e o culto é uma das mais importantes, na qual a presença feminina é maioria. Um grande grupo destas mulheres que participam do culto vive o que poderíamos denominar como *entre dois amores*, ou seja: "Deus"¹: o Senhor da Igreja, e o esposo, o senhor da casa. Como a imagem do divino que impera no imaginário coletivo de nossa sociedade é de caráter androcêntrico, inconscientemente, a relação que as mulheres mantêm com a divindade assemelha-se a um *romance*². Expressões como: meu "Deus" é tudo para mim, eu não poderia viver sem Ele, Ele é a razão da minha vida. Essa situação é sustentada pela linguagem patriarcal das liturgias. Hinos e louvores contêm uma linguagem similar. Contudo, essa ideologia afeta não apenas as mulheres, mas também os homens que parecem identificar-se com a figura desse "Deus" masculino. Segundo nossa perspectiva e análise, presumimos que essa mensagem sustenta, legítima, perpetua e alimenta a ordem estrutural androcêntrica da sociedade, abrangendo os níveis macro e micro sistêmico nos quais se produzem e reproduzem a violência contra a mulher.

Deste modo, chegamos às seguintes questões: haverá alguma relação entre o marido violento e a imagem de "Deus" androcêntrica? Que relação

pode existir entre a imagem primordialmente masculina de "Deus" e a violência contra a mulher? É possível pensar que a pretendida superioridade do homem/varão esteja relacionada com a encarnação da divindade em um corpo masculino? Como se legitimou a autoridade e a hegemonia do homem/varão? Como se institucionaliza essa representação da estrutura de violência contra a mulher no imaginário coletivo da cultura? Como reverter essa situação estrutural? Como é que homem/varão determina sua masculinidade?

Estas e outras perguntas são suscitadas perante uma situação de violência contra a mulher. Mas, em consideração à finalidade deste trabalho, ficamos apenas com a questão: qual a relação que eventualmente haveria entre o imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher? Acreditávamos que, algumas das respostas podem estar na doutrina teológica da autoridade e da superioridade do homem, e que a cultura adotou como normativos. Ao mesmo tempo, estavam os postulados filosóficos que influenciaram a teologia e, portanto, a religião que concedeu ao homem/varão, na sua estrutura social e psicológica, a idéia de sentir-se um tanto "Deus" todo-poderoso e dono daqueles e daquelas que estão sob sua autoridade e domínio, conforme a hipótese da teóloga Mary Daly (1973): Se "Deus" é homem então o homem é "Deus".

A partir dessa problematização, elaboramos os objetivos. Entre eles está a análise da possível relação que haveria entre o imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher no âmbito da IMECH. A partir dessa análise, objetivamos oferecer linhas teológico-pastorais para enfrentar esta situação, visto que o interesse em relação a este tema de pesquisa nasce em consequência da nossa experiência no trabalho pastoral.

Contudo, temos notado que a questão da violência contra a mulher tem sido discutida como se fosse um problema específico das mulheres. Assim, o objetivo do debate era, de maneira especial, como as mulheres vítimas de violência poderiam ser ajudadas e amparadas. A perspecti-

1. Em virtude de ainda não termos outros vocábulos para nomear "Deus", este será colocado entre aspas com a finalidade de acentuar a atenção o sentido masculino que este vocábulo tem.

2. Um exemplo clássico desse romance é a obra de Santa Teresa de Jesus.

va tem sido decisivamente ampliada nestes últimos anos. As perguntas não ficam apenas a respeito da vítima, mas também no vitimário. Portanto, as questões são: por que o homem abusa? Por que os homens são violentos? É possível ver o problema por outro prisma?

Por isso, analisamos o problema da violência contra a mulher, valorizando as abordagens teórico-conceituais de teólogas feministas em relação à imagem androcêntrica de "Deus", já que, por meio dessa análise, almejávamos encontrar sinais que nos ajudaram a desvendar a suspeita da possível conexão que haveria entre essa imagem e a violência contra a mulher.

Conseqüentes com essa pretensão, aspiramos, neste trabalho, abordar a situação da violência contra as mulheres a partir de um enfoque teológico-pastoral, observando a construção deste comportamento como a conseqüência da doutrina e tradição patriarcal judaico-cristã, cujo maior ícone é a imagem androcêntrica de "Deus" encarnada em um homem: Jesus Cristo. Parece-nos que essa conexão ainda não está suficientemente esgotada pelos pesquisadores e pesquisadoras, especificamente nos comportamentos masculinos violentos. Consideramos pertinentes para nossos objetivos, identificar as metáforas relativas ao imaginário androcêntrico de "Deus" na visão da teóloga Renita Weems (1997), que observa como transcendental a metáfora do matrimônio na elaboração do imaginário androcêntrico de "Deus", especificamente partindo do contexto dos profetas do Antigo Testamento, quando utilizadas pedagogicamente pelos profetas, mostraram e ensinaram a divindade ao povo de Israel na perspectiva primordialmente masculina.

Desejamos também apresentar a situação da luta pela erradicação da violência contra as mulheres em diferentes espaços, tanto no plano internacional e nacional, como nas organizações eclesiais e nas não governamentais.

Logo, nas conclusões, pretendemos delinear alguns arremates e indicar subsídios para a teologia prática numa ótica feminista, cuja finalida-

de é a de trabalhar a violência contra a mulher a partir de uma perspectiva da hermenêutica da suspeita. Isto é, enunciado o problema, levantada a suspeita da possível relação do imaginário masculino de "Deus" e a violência contra a mulher, propor objetos de pesquisas que nos levem a refletir sobre a violência contra a mulher desde um olhar não apenas assistencialista e curativo, porém preventivo.

Por último, aspiramos fornecer subsídios para uma reflexão teológico-pastoral, partindo da perspectiva da mulher para a formulação de futuras hipóteses e pesquisas que nos levem a orientar estudos relacionados com o tema desta tese. É importante identificar, trazer à luz, o que permanece oculto atrás dos saberes teológicos e sua vinculação com o poder e as práticas sociais como, por exemplo, a legitimação da violência a partir da hegemonia androcêntrica, amparada pela figura masculina de "Deus", assim como a legitimação do sacrifício e do sofrimento a partir do sacrifício de Jesus, entre outros conceitos teológicos.

Estimamos, outrossim, que a promoção de um processo de formação acadêmica que valoriza a perspectiva de gênero é de suma importância, tanto da capacitação como das reformas nas metodologias no âmbito organizacional da Igreja, sobretudo, entre os pastores e pastoras, teólogos e teólogas, leigos e leigas, a fim de que a violência contra a mulher seja entendida e atendida à luz do evangelho com critérios, tais como: justiça e equidade social. Do mesmo modo, seria de vital importância gerar ações coletivas e solidárias das mulheres e dos homens, que promovam a denúncia da violência em todas suas formas de expressão e sutilezas. Contudo, entendemos que estes objetivos não deveriam ficar apenas em nível teórico. Eles deveriam consolidar-se em três espaços que interagem e retro-alimentam: o espaço acadêmico, a sociedade e a igreja³.

Julgamos, além disso, que é fundamental considerar e questionar a linguagem, essencialmente

3. Referimos-nos à igreja sempre no contexto judaico-cristão.

a patriarcal e a androcêntrica, que tem caracterizado a academia. Faz-se necessário uma revisão desta linguagem masculina que marcou a teologia, pois ela ainda preserva e utiliza a expressão *homem* para referir-se tanto aos homens quanto às mulheres numa visão universalista. A linguagem da teologia segue a linguagem androcêntrica das ciências, assim seus postulados consideram a universalização do conceito *homem* para referir-se ao ser humano. Deste modo, as situações que envolvem mulheres são abordadas como conjunturais, marginais e/ou contingentes, entre as quais, a situação de violência contra as mulheres tem sido discutida como se fosse um problema exclusivo delas e não como uma anormalidade, que abrange ambos os parceiros.

A grande maioria dos estudos sobre violência parte da análise de fatores econômicos, psicológicos, médicos, sociológicos e culturais, entre outros. Existe, entretanto, uma constante nas pesquisas sobre violência contra a mulher que é a ausência de uma análise crítica desde a ótica religioso-teológica. A religião inclui-se na análise das tradições culturais, porém nunca como um componente elementar a ser considerado. Exceções à regra são as produções das teólogas feministas, mesmo assim elas ficam, comumente, restritas no âmbito acadêmico-teórico.

Além disso, para investigarmos o tema da violência contra a mulher, faz-se necessário situar a análise no contexto das relações de poder (OLAVARRIA, 1998). O tema do poder, da dominação e do controle deveria ser o eixo que direciona as pesquisas concernentes à violência, a começar pelo contexto do poder hierárquico e hegemônico que domina e controla a vida das mulheres, impondo um modelo de homem e uma conduta masculina que a religião e a teologia androcêntrica institucionalizaram nas igrejas.

É relevante, portanto, o suporte que, eventualmente, podemos dar referente à reflexão sobre a violência contra a mulher no contexto chileno e latino-americano, partindo do âmbito das Ciên-

cias da Religião, embora este fenômeno não possa ser explicado como efeito de uma causa só. No entanto, é necessário reconhecer a complexidade do problema, o que supõe aprofundar na construção social das subjetividades e das relações de gênero.

Outro tópico específico que se desprende das considerações já referidas, é a linguagem primordialmente masculina em relação a "Deus", utilizado no discurso religioso da igreja. A comunidade cristã fala tradicionalmente de "Deus", segundo o modelo de ser humano de sexo masculino que é, finalmente, quem exerce o poder. Tanto as imagens usadas, como os conceitos que as acompanham, refletem a experiência masculina que dominam o sistema patriarcal, tal como se aprecia na clássica obra de Miguel Angel "A criação de Adam" (Fig. 1 nos anexos).

Conforme Johnson (1995, p. 60), não haveria problema em usar essas imagens ou metáforas masculinas, pois o homem foi feito à imagem de "Deus" e serve como um ponto de referência, ainda que finito, em relação a "Deus". A complexidade que surge deste argumento radica na possibilidade de que seja usado para nomear a divindade, unicamente, desde uma perspectiva masculina, androcêntrica e/ou antropocêntrica e que adota, literalmente, o símbolo divino no homem/varão.

Partindo de nossa ótica, acreditamos que as produções acadêmicas da teologia prática necessitariam de subsídios que permitam a reflexão crítica e acurada sobre as situações que estariam por trás da violência contra a mulher. Torna-se necessário que, para termos entendimento e diálogo, a teologia prática avalie seu olhar predominantemente androcêntrico para outro mais abrangente, valorizando as diferenças. Precisamos metodologias e critérios para dialogar e entender que, tanto a igreja como a teologia, deveriam afastar-se de algumas idéias hegemônicas em relação ao poder patriarcal que estimulam, legitimam e justificam a hierarquização, desde o âmbito familiar até as relações pessoais na sociedade.

2. Hipóteses

A violência contra a mulher tem sido uma constante ao longo dos anos e séculos da história. Praticamente parece não haver cultura⁴ ou civilização na qual as mulheres não sejam parte das categorias violentadas, ou discriminadas (MATURANA, em: EISLER, 1996, p. XI). Esta violência efetua-se desde o poder sócio-político, econômico ou religioso-patriarcal exercido por homens ou mulheres, que agiram conforme a ética e as pautas emanadas desse sistema.

A problematização de nosso trabalho, por conseguinte, surge das seguintes perguntas: como é que esse sistema se sustenta? Por que ele não é derrubado? Onde radica sua força? Como é que a violência contra a mulher tornou-se uma conduta aceita e legítima na sociedade ocidental? Em relação a estas questões, podemos dizer junto com Ivone Gebara (1998, p. 121) que as mulheres, como todos os seres na ordem patriarcal, devem obedecer a um padrão social pré-estabelecido, no qual as pessoas entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem perceber que obedecem, sem ter outra opção, participando assim, de uma igualdade idealizada, jamais efetivada na vida real nem nas relações cotidianas, mas que "Deus" confirma esta ordem vigente.

A violência contra a mulher, segundo Gebara (2000, p. 125), está relacionada com o discurso da religião cristã, visto que esta expressão religiosa tem apoiado a subordinação da mulher a partir das doutrinas que legitimam e sacralizam o sacrifício e o sofrimento. Gebara desenvolve esta idéia a começar do que ela designa como *nível de constatação e não a busca de uma causa explicativa* (Op. cit, p. 126). Nosso trabalho valoriza esta constatação, porém refere-se à procura

de uma causa explicativa do fenômeno da violência contra a mulher. De tal modo que nossas hipóteses são:

1) Uma das fontes da violência contra a mulher é o resultado de uma socialização de gênero que está alicerçada na teologia judaico-cristã e na filosofia ocidental que colocou o homem como sujeito hegemônico da história, e a mulher na qualidade relacional como segunda categoria. Sustentamos que o imaginário androcêntrico de "Deus" está intimamente ligado ao discurso antropocêntrico e patriarcal da religião e à teologia judaico-cristã. Desta forma, o imaginário induz à legitimação do sujeito hegemônico masculino, legitimando, portanto, a violência contra a mulher, além de amparar a legitimidade do homem/varão como o sujeito universal que coloca todas as demais criaturas na categoria de objeto.

2) A possibilidade de uma mudança nos discursos religioso-teológico-androcêntricos, que vise restabelecer a igualdade entre os gêneros feminino e masculino, ajudaria na superação da violência contra a mulher, assim como também, na superação da atitude submissa e passiva à qual ela tem sido vinculada, proporcionando à mulher a possibilidade da recuperação de ser não apenas objeto, mas também sujeito da sua própria história.

3) Os seres humanos introjetaram um imaginário androcêntrico de "Deus" que se concretiza na vida social e pessoal. Este imaginário é utilizado para sustentar ou criticar certas estruturas, valores e formas de ação, pois segundo Johnson (1995, p. 64), há uma relação interdependente entre um sistema simbólico de uma religião, as disposições e as motivações que ela estabelece. Temos, portanto, que a figura de "Deus", androcêntrico e antropocêntrico, como centro do sistema religioso-teológico, é o suporte na qual surge e se apóia a cosmovisão e a ordenação da sociedade ocidental. Sustentando-se nessa figura alegórica e predominantemente masculina legitimar-se-ão comportamentos, tais como: reproduzir e continuar com a subordinação da mulher a respeito do homem, sobretudo nas disposições civis

4. Estimamos que a definição de cultura apresentada por Maturana insere-se na idéia que queremos desenvolver, "(...) cultura es una red de coordinaciones de emociones y acciones en el lenguaje que configura un modo particular de entrelazamiento del actuar y el emocionar de las personas que lo viven" (Prefácio da obra citada no texto).

e religiosas, entre essas o matrimônio, a relação entre o privado e o público, bem como a violência de gênero e a violência simbólica que circula na nossa sociedade ocidental.

Eventualmente, se o discurso sobre o imaginário de "Deus" superasse a figura androcêntrica e valorizasse outras imagens da criação, seria admissível a idéia de um novo re-ordenamento sistêmico da sociedade. Tal como oferecer uma imagem holística que valorize os gêneros, homem e mulher, ou o resgate de metáforas das culturas autóctones onde a hierarquização social e a cosmovisão do sagrado não alimente a discriminação de gênero, de raça, de idade, de etnia, mas incorpore outras figuras da criação.

Para a elucidação das hipóteses enunciadas, consultamos uma bibliografia que abordasse os seguintes tópicos: violência contra a mulher, construção do imaginário androcêntrico de "Deus", masculinidade, poder e linguagem. Consideramos para tanto, a produção bibliográfica teológico-feminista européia, norte-americana e latino-americana. Pesquisamos a bibliografia relacionada com a construção do masculino a partir da sociologia aplicada ao contexto chileno e latino americano. Procuramos a produção da teologia pastoral desde a perspectiva de gênero e, por último, pesquisamos na bibliografia de Michel Foucault obras originais tanto como artigos, ensaios e comentários a respeito do poder no pensamento do filósofo francês, procurando nos seus enunciados teóricos embasamento para as nossas hipóteses.

A bibliografia empregada na elaboração do texto foi selecionada a partir dos conceitos principais que se enunciam logo no título. Isto é, o imaginário androcêntrico de "Deus"; proveniente da tradição bíblica; sustentada pela teologia tradicional; analisada e criticada desde a perspectiva da teologia feminista, a construção e a socialização de gênero nos homens e mulheres na América Latina, e no Chile, em particular. Agregamos, posteriormente, bibliografia relacionada com a centralidade de nossa pesquisa: os micropoderes e os micromachismos que se relacionam com as

metáforas de poder e castigo (WEEMS, 1997) utilizadas pelos profetas na elaboração da imagem androcêntrica de "Deus".

É importante salientar que, no processo da seleção da literatura, nós enfrentamos uma peculiar dificuldade: a vasta e riquíssima bibliografia relacionada a nosso tema. A produção, especialmente da teologia feminista, tanto na América Latina como na Europa e nos Estados Unidos, tem sido muito fértil nessa área. A bibliografia para o segundo item, isto é, a masculinidade na América Latina, é relativamente recente. A crítica e a análise da masculinidade hegemônica é um fato um tanto quanto novo, e poderíamos acrescentar que é fruto do processo iniciado pelas feministas ao questionamento da sociedade patriarcal. A percepção é que há um excesso de informação referente ao tema, pois a produção acadêmica relacionada com a violência contra a mulher, que vincula esta situação com a linguagem masculina de "Deus", surge com maior força, principalmente, nas décadas de setenta e oitenta. Esta produção, tanto de ordem teórica como de ordem empírica, reflete as reivindicações levantadas pelas teólogas e leigas de todos os continentes, comprometidas com as lutas pelos direitos das mulheres desde cenários e agendas nacionais e internacionais, tais como: a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Concílio Mundial de Igrejas (CMI) e outras organizações derivadas destas.

Além do contexto da América Latina, existem relevantes contribuições nos Estados Unidos em relação à violência contra a mulher, desde a teologia feminista, a teologia pastoral e as pesquisas relacionadas com a construção da masculinidade. A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, FLACSO, possui um programa específico de análise de gênero e masculinidade há dez anos. Os tópicos nos quais a FLACSO concentra as investigações são: Masculinidade e Adolescência, Masculinidade e Educação Sexual, Masculinidade, Sexualidade e Reprodução, Masculinidade e Câmbio Cultural. Esta faculdade também faz parte da rede de estudos de masculinidade latino-

americana onde participam organizações governamentais e não governamentais de países, tais como: México, Nicarágua, Chile, Brasil, Guatemala, entre outros.

Igualmente, nos apoiamos, tanto para a fundamentação teórico-teológica, como para a análise da construção do imaginário masculino de "Deus", nas propostas de Renita Weems e Judith Plaskow, porém não desconsideramos outras perspectivas. Assim, para trabalhar a relação entre este imaginário e a violência contra a mulher, utilizamos o conceito de saber/poder elaborado por Michel Foucault, já que o autor analisa nessa perspectiva a força dos micropoderes nos quais estaria inserido o imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher.

3. Metodologia

Pesquisa bibliográfica: para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhamos, inicialmente, com os textos apontados na bibliografia para a construção do marco teórico. A produção literária utilizada, a respeito do tema, data dos anos 70/80/90. Privilegiamos não só publicações como textos e livros, mas também revistas, artigos e jornais que abordem a questão da imagem androcêntrica de "Deus" e a provável relação com a violência contra a mulher. A finalidade foi ficar o mais próximo possível de nosso objeto de estudo e oferecer novos enfoques.

Conforme Lakatos e Marconi (1991, p. 183), a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia publicada em relação ao tema de estudo. A finalidade é colocarmos em contato com a maior quantidade possível de documentos relacionados com nosso alvo de investigação. As autoras estimam também que a bibliografia pertinente pode oferecer meios para resolver, não somente problemas já conhecidos, como explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente (op.cit, p. 183). Além disso, a análise bibliográfica propicia o exame de

um tema sob novo enfoque ou a abordagem para chegar a conclusões inovadoras. Trabalhamos nossa pesquisa sob essa ótica do inovador e do diverso, visto que a violência contra a mulher é uma questão que, nestas últimas décadas, tem sido amplamente abordada e analisada.

Consideramos de grande valor para nosso trabalho, a produção publicada na Internet sobre a construção da masculinidade e violência contra a mulher. Por meio desta via, conseguimos as produções de grupos de pesquisa, especialmente latino-americanos, que estão trabalhando na teorização da construção do masculino e a relação que poderia haver com a violência contra a mulher.

Pesquisa de campo: segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 187), a pesquisa de campo é aquela utilizada para obter informação e/ou conhecimento acerca de um problema ou comprovar uma hipótese ou também descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. As autoras dividem a pesquisa de campo em três grupos, quantitativo-descritivo, exploratório e experimental, com outras subdivisões.

Uma das subdivisões da pesquisa de campo é a exploratória. Este tipo de pesquisa empírica preenche nossas expectativas para desenvolver as hipóteses e aumentar nossa familiaridade com o objeto de pesquisa, permitindo-nos, assim, aproximarmos dos conceitos tais como "Deus", violência, androcentrismo, hierarquia, poder e relações de gênero. Por meio desta pesquisa de campo exploratória, obtivemos informação e um diagnóstico das nossas suspeitas em relação ao problema detectado e assim pudemos criar dados exclusivamente descritivos ou representativos. A partir dessas informações recolhidas, fomos construindo nosso texto.

O procedimento metodológico da coleta de dados tem dois momentos: o primeiro refere-se a nossa prática pastoral no Chile e as entrevistas realizadas durante o processo da elaboração da dissertação de mestrado. No segundo, realizamos entrevistas por um questionário com perguntas

abertas e semi-abertas, visando descobrir a eventual relação entre o imaginário masculino de "Deus" e a violência contra a mulher em um segmento da comunidade da IMECH. Entrevistamos homens e mulheres separadamente, membros em plena comunhão. Preferimos entrevistar aqueles que têm uma inserção e compromisso com a igreja há mais de dois anos.

As entrevistas foram realizadas em janeiro de 2003, durante a realização dos respectivos Congressos de homens e mulheres nas cidades de Concepción (8ª Região Del Bio-Bio) e Nueva Imperial (9ª Región de La Araucanía). Para as entrevistas, privilegiamos pessoas comprometidas e engajadas no trabalho da Federação Feminina e da Federação de Homens. Consideramos, portanto, que isso poder-nos-ia dar respostas mais próximas às nossas expectativas, que era diagnosticar o comportamento do imaginário androcêntrico na legitimação da masculinidade e a violência nas relações conjugais como decorrente dessa construção.

Além disso, todos os entrevistados são casados e estão com uma média de 10 anos de matrimônio estável, suas idades variam de 28 a 70 anos. Eles são provenientes, em grande parte, das regiões centrais do país, Santiago, Concepción e Temuco. Todos são alfabetizados, no entanto, 26% cursou Ensino Fundamental, 44% Ensino Médio e 20% Ensino Superior. Em relação à situação econômica, 40% declara ter situação econômica boa, 56% regular e 4% precária. Do total de entrevistado/as, 50 pessoas, 68% têm trabalho estável e 32% é aposentado. Ninguém se declarou desempregado.

Tratamento das entrevistas: mesmo que no início a intenção tenha sido trabalhar esta pesquisa como pesquisa de campo exploratória, em função do tempo para finalizá-la, as falas e depoimentos dos entrevistados e das entrevistadas serão mencionados sem uma análise acabada dos depoimentos.

Delimitação do texto: a violência contra a mulher, a análise de gênero, a teologia feminista, e a masculinidade são temas que captaram a atenção de inúmeros pesquisadores e pesquisado-

ras durante as três últimas décadas. O volume de produção nessa área é riquíssimo e muito amplo. Delimitar o material foi um grande desafio, assim ficamos com as seguintes fontes: a teologia feminista da década de 70, privilegiando as teólogas que trabalham especialmente o imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher. Ficamos com Foucault e os conceitos de saber/poder e micro-poder para a análise das relações de poder e conflito entre parceiros, e para a análise de violência e masculinidade, privilegiamos a produção de Bonino e Corsi, pois os dois fazem um estudo sistemático interessante a partir da experiência como terapeuta de homens e mulheres envolvidos na questão.

Conclusões

Nossa pesquisa começou, como já dizemos na introdução, no cotidiano da vida das famílias das igrejas, quando observamos que por trás daquele pronome pessoal "ele", com o qual as mulheres referiam-se a seus maridos, existia uma fonte ligada com um elemento poderoso (talvez divino), que permitia a legitimidade de comportamentos complementares, mas desiguais. De um lado o homem, cujas características estavam espelhadas, como descobriríamos mais tarde, segundo Fiorenza (1996), no *kyrios*: o Senhor Todo-poderoso, dono da vida dos seus subordinados. Do outro, estavam as mulheres, submissas, obedientes, acompanhando e servindo o seu senhor.

Os problemas observados, e que despertaram nossas suspeitas, foram as semelhanças entre o conjunto de prática e palavras similares com que as mulheres atendiam tanto a "Deus" como aos maridos, pais, irmãos, e/ou chefes. Servir a "Deus" e servir ao marido, obedecer a "Deus" e obedecer ao marido. "Deus" provê sustento, o marido é o provedor da família. "Deus" é a cabeça de Cristo, que é a cabeça da Igreja, Cristo a cabeça do homem que é a cabeça da mulher. A divindade apresenta-se masculina, em essência, mas com implicações e construções androcêntricas.

Partindo dessa perspectiva, a sociedade constituiu-se por antagonista de uma história e não por protagonista dela, visto que tanto mulheres quanto homens sucumbem sob o domínio e o poder androcêntrico. Assim, florescem as dicotomias e os conceitos binários. O mundo dividiu-se em dois. Nessa caminhada, constatamos que no sistema universal de dominação masculino-feminina está depositada a alteridade e a diferença.

Considerando então, a problematização de nosso objeto de pesquisa, nos propusemos a analisar a possível relação que haveria entre o imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher. Desse modo, esquematizando o projeto, esclarecendo objetivos, justificativas e hipóteses, explicamos os conceitos que utilizaríamos e as pretensões de onde queríamos chegar. Provavelmente, nesse intento, assumimos que a ambição foi maior. Tínhamos nos objetivos três grandes blocos: imaginário androcêntrico de "Deus", violência contra a mulher e o sonho de uma proposta de Teologia Prática desde a ótica da Teologia Feminista, levando em conta o contexto latino-americano.

Os três objetivos estão intimamente interligados, porém não foi fácil manter um equilíbrio. De início, a violência contra a mulher orientou nosso trabalho de pesquisa sem poder entrar de fato na questão do imaginário. Logo o imaginário de "Deus" ocupou nosso tempo em detrimento da Teologia Prática, mas o tempo acabou quando era o momento de trabalhar este último tema. Por isso, ao fazer um balanço de nosso trabalho, temos que aceitar a disparidade que, implicitamente, está ao alcance de nossos objetivos.

Mesmo assim, acreditamos ter conseguido esclarecer a hipótese principal de nosso projeto. Dizemos que uma das fontes da violência contra a mulher é o resultado de uma socialização de gênero, que está alicerçada na teologia judaico-cristã e na filosofia ocidental, que colocou o homem como o sujeito hegemônico da história. Desse modo, a mulher ficou considerada na qualidade relacional de segunda categoria.

No intuito de sustentar esta hipótese, no primeiro capítulo mencionamos a construção do feminino e masculino na sociedade chilena. A influência que teve nessa construção a tradição espanhola e indígena. Deste modo, foi referido que a idiossincrasia chilena teve a intervenção destas duas tradições, mas, sem desmerecer a intervenção de outras tradições que chegaram ao país nos séculos XIX e XX. Não foi mencionado no capítulo correspondente, mas não podemos desconhecer a imigração alemã e árabe que, ainda tardia e de costumes reservados, reticente a se misturar com os aborígenes, contribuíram na construção do ethos chilenos.

Da tradição espanhola adquiriu-se a tradição cristã, com todos os elementos androcêntricos que este fato impôs e originou: uma hierarquia eclesial, social e familiar. A implantação de uma religiosidade que legitimava a violência e as diferenças entre homens e mulheres, que trouxera a visão de um "Deus" impregnado pela visão da Santa Inquisição, pronto para castigar os hereges. Um "Deus" Pai, mais perto dos homens do que das mulheres, um "Deus" que legitimou as hierarquias e as autoridades da época. A partir daí, as pessoas, homens e mulheres acostumaram a ver estas autoridades como uma projeção da cosmovisão divina e que legitima a hierarquia humana.

Deste modo, sustentamos que o imaginário androcêntrico de "Deus" inserido nas tradições espanholas está intimamente ligado com o discurso antropocêntrico e patriarcal da religião e com a teologia judaico-cristã. Tal imaginário legitima o sujeito hegemônico masculino e ampara também, a legitimidade do homem/varão como o sujeito universal. Além disso, embora a herança indígena fosse menosprezada, silenciada e negada, ainda está muito presente. Observamos, nesse capítulo, que o mundo agrário e fazendeiro constituído como o espaço privilegiado da síntese das culturas mestiças elaborou o imaginário coletivo da sociedade chilena da época da conquista e da colonização, mas esse imaginário ainda está pre-

servado com maior ou menor força no cotidiano das famílias chilenas. O elemento autóctone também está presente nesse imaginário.

No capítulo dois analisamos a questão da violência contra a mulher. Para isso, priorizamos a questão da violência como um fato já assumido pelas igrejas e como esta situação estava sendo debatida nos diversos âmbitos religiosos, governamentais e não governamentais. Portanto, pareceu-nos importante ressaltar o trabalho do CMI e as avaliações que esse organismo eclesial fez do Decênio dedicado à mulher. Foi, também importante para nós constatar, segundo o documento *Cartas Vivas*, que a violência contra a mulher era (e é) um fato ainda não resolvido, que não tem recebido suficiente dedicação das igrejas de tradição evangélica.

Ainda que, conforme o título desta tese, o campo da pesquisa esteja alocado à IMECH, consideramos que o problema da violência contra as mulheres não se circunscreve a esse país. A preocupação do CMI é convocar as igrejas para uma reflexão da sociedade sobre a questão da solidariedade para com as mulheres. Das atividades realizadas na Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres (1988-1998), extraímos espírito e a intenção deste decênio e que concorda com nosso intento, ou seja: contribuir para a realização de uma comunidade reconciliada de homens e mulheres onde elas sejam impulsionadas a participar plenamente na missão e possam viver uma vida livre de violência; superar tradições culturais, religiosas e teológicas que as discriminam por causa da socialização de gênero, que estabelece condutas definidas para cada sexo.

Pretendia-se fornecer às igrejas um período para revisar estruturas, ensinamentos e práticas com o objetivo de alcançar a participação plena das mulheres. Mesmo assim, estes objetivos não foram plenamente atingidos. Como foi colocado antes, a ambição era que a década de solidariedade com as mulheres fosse uma resposta direta aos problemas e preocupações das mulheres.

O programa especial do Decênio *Cartas Vivas* sugeriu oferecer uma nova Década às Igrejas,

com o intuito de conhecer, em contextos concretos, a situação da mulher. Metaforicamente falando, as razões para essa nova década são, agora, para detectar os signos da ressurreição das mulheres, a vida no horto tanto como as pedras que dificultam que esta ressurreição aconteça.

No que diz respeito a nosso contexto chileno e com o intuito de esclarecer nossas suspeitas, fomos conversar com mulheres e homens da IMECH para observar mais de perto se nossos pressupostos estavam em concordância com o que as pessoas realmente pensavam. Desse modo, verificamos que os homens de fato assumem os privilégios da liberdade da autoridade na família. Disseram estar felizes por serem homens porque não gostariam de passar pelos sofrimentos da gravidez. Outros expressaram que a sociedade está estruturada para a preponderância dos homens, por isso estavam felizes de ter nascido do lado correto da vida, como já observamos no primeiro capítulo.

Quem legitimou estes atributos? As respostas estão divididas. Para alguns, é claramente "Deus" quem legitima essas propriedades masculinas. Outros, não expressam tão claramente que o privilégio de ser homem seja mesmo da imagem de "Deus". Tanto a igreja como a cultura e a família ocupam lugar destacado na construção da imagem que hoje eles têm de "Deus". Contudo, o privilégio de ser a cabeça da família é uma situação que se experimenta com agrado, embora com alguma preocupação ou desejo de partilhar, mais equitativamente, com a esposa.

As reações perante elementos teológicos e doutrinários que legitimam a hierarquia vêm das interpretações da ótica masculina que se dividem entre razoamentos extremos, tais como: "Deus" colocou o homem como autoridade sacerdotal do lar. Aqui se aplica o conceito de neomachismo criado e utilizado por Montecino (2000), conceito que se elabora desde a inserção ativa na igreja paroquial. Os homens não assumem a violência explícita, porém fica difícil para eles examinar em fatos. A expressão ideologizada "nascer do

lado correto da vida” e a naturalização dos fatos impede a análise crítica de uma situação que faz parte da identidade chilena.

Para as mulheres metodistas, a violência não é fato fácil de assumir. Qualquer caso será abafado ou minimizado. Os problemas da família são da família e não é comum que elas verbalizem situações de crises, aludindo aquele velho ditado “roupa suja se lava em casa”. Na pesquisa de mestrado (MARTINEZ, 1999) observamos que essa dificuldade obedece, em parte, à desconfiança do trabalho do/a pastor/a. Elas temem ser traídas, isto é, que as confidências ou confissões não sejam guardadas com o sigilo que isso merece. Além disso, no diálogo com as mulheres do Congresso Feminino, apreciamos a reticência por uma linguagem mais ousada. Uma linguagem que valoriza a crítica e a análise de gênero, mas esse procedimento ainda está longe de ser adquirido como uma constante. Acreditamos que a dificuldade de trabalhar criticamente e analisar os fatos da violência contra a mulher deve-se a não elucidação de conceitos, tais como: violência contra a mulher, feminismo e gênero, entre outros.

No capítulo três, analisamos o pensamento de teólogas feministas. Os textos consultados nos levam a crer que efetivamente a imagem masculina e androcêntrica de “Deus” está por trás da violência contra a mulher. A expressão existencialista de Mary Daly, se “Deus” é homem então o homem é “Deus” ainda tem validade, embora a caminhada feminista tenha colaborado para a instauração de um pensamento crítico na sociedade, relativo à socialização de gênero. As colocações das teólogas nos ajudaram na análise da construção do imaginário de “Deus”, valorizando contribuições tais como o uso das metáforas de poder e castigo, levantadas por Weems. Estas metáforas agiram e agem como um componente pedagógico na consolidação de uma figura masculina de “Deus” no imaginário coletivo. Qual o objetivo das feministas retomarem as metáforas de um “Deus” eminentemente androcêntrico? Uma das razões é a necessidade de desmistificar a lingua-

gem masculina e invalidar a influência que exerce no imaginário coletivo. Consideramos, outrossim, que a análise da metáfora do matrimônio nos oferece subsídios para desenvolver uma hermenêutica que convide à superação do esquema de violência. Surgem conceitos teológicos como justiça, juízo, benignidade, misericórdia, os quais nos dariam subsídios que auxiliem ações pastorais, tanto para as mulheres como para os homens vítimas de violência.

Neste mesmo capítulo, contribuição importante para o esclarecimento de nossas hipóteses foram as pesquisas que, tangencialmente, se aproximavam de nosso tema. Especialmente válida foi a pesquisa de Sonia Montecino e Alexandra Obach nas igrejas evangélicas da periferia de Santiago, Chile. Nesse trabalho, as pesquisadoras utilizaram o conceito de neomachismo baseando-se nas informações que homens e mulheres forneceram, logo que eles e elas tiveram uma experiência religiosa e mudaram seus comportamentos. Eles e elas re-construíram suas identidades, especificamente a masculinidade e a feminilidade, assumindo os novos códigos dados pela nova confissão religiosa, a leitura da Bíblia e o convívio com pessoas que ensinaram a nova vida no espírito (MONTECINO 2000).

Contudo, falar de violência e imagem de “Deus”, numa primeira aproximação, nos parecia um fato paradoxal. A apreciação que se tem é de um ser benevolente, cuja máxima expressão de amor está na entrega incondicional do Filho para e por um ato de amor, porém, não livre de violência, sacrifício, dor e sofrimento. Falar de “Deus” também nos remeteu para outra inquietação: a linguagem eminentemente androcêntrica da teologia, especificamente, e das ciências, em geral.

A violência contra a mulher está entre as dificuldades, cuja superação depende de como ultrapassamos obstáculos, tais como: a linguagem teológica androcêntrica, a hermenêutica opressiva dos textos bíblicos, as atitudes negativas concernentes a sexualidade e o corpo da mulher, entre outros. Assim, no quarto capítulo analisamos a

linguagem que sustenta a violência a partir da perspectiva do conceito saber/poder em M. Foucault. Interessou-nos esta proposta visto que, por meio dela podíamos nos aproximar não apenas dos macrosistemas que sustentam a sociedade, mas também aproximarmos da violência de gênero concretizada nos microsistemas. Tivemos a possibilidade de analisar micromachismos sutis, e não tão sutis que se encobrem entre normalidade e natureza.

Isto também nos deu a pauta para pensar em uma mudança de códigos de comunicação, especialmente no caso das mulheres vítimas de violência. Embora já estivéssemos concluindo nossa tese, conhecemos o trabalho de Nelle Morton, que poderá fornecer os alicerces para uma nova proposta para a teologia prática. A hipótese dela está em que as mulheres não precisam fazer uma viagem longe do lar ou do cotidiano delas: a viagem é para o lar. Acreditamos que nesse cotidiano estão a igreja, a teologia e a religião, especialmente o discurso normativo e regulador utilizado para determinar as vidas e os corpos de homens e mulheres. A proposta dela então, é a ação imperativa destas três unidades para valorizar o ouvir das pessoas. Propomos, assim, que o espaço da teologia prática seja a instância onde se valorize aquela voz diferente, parafraseando a Carol Gilligan (1982).

Contudo, onde chegamos? A hipótese principal era considerar a relação do imaginário androcêntrico de "Deus" e a violência contra a mulher. Cremos que esse objetivo foi alcançado, à medida que reunimos os seguintes elementos: a análise de uma metáfora criada num contexto determinado da história da humanidade, mas que teve implicações no pensamento cristão ocidental até hoje, as práticas sociais e a linguagem que veiculam esse imaginário e o legitima, e por último, a percepção de que a Igreja Metodista no Chile forma parte dessa tradição e que, portanto também está inserida nesse contexto androcêntrico.

Assim, conforme nossa hipótese e objetivos de analisar a possível relação que haveria entre o imaginário masculino de "Deus" e a violência contra as mulheres no âmbito da Igreja Metodista do Chile (IMECH), poderíamos concluir que essa experiência do sagrado legitima a organização da sociedade a partir da centralidade do imaginário androcêntrico de "Deus". E isso fez com que o homem/varão implantasse sua hegemonia e organizasse a visão de mundo, unicamente, nesta perspectiva: a masculina. Logo, a violência física, sexual, psicológica ou simbólica contra a mulher fica legitimada dentro dos padrões desse sistema de idéias.

Bibliografia

- ADAMS, Carol e FORTUNE Marie. *Violence against women and children. A christian theological sourcebook*. New York: Continuum, 1995.
- ADAMS, Carol J. *Woman battering. Creative pastoral care and counseling series*. Minneapolis: Fortress Press, 1994.
- BONS-STORM, Riet. *The Incredible Woman, listening Women's. Silences in Pastoral care and Counseling*. Nashville, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1999.
- CARLSON B Joanne e PARKER, Rebecca. For God so loved the world. Em: *Christianity, Patriarchy and Abuse. A feminist Critique*. CARLSON B. Joanne e BOHN Carole, (Compiladoras). New York: The Pilgrim Press, 1989.
- CORSI, Jorge et. al. *Violencia masculina en la pareja. Una aproximación al diagnóstico y a los modelos de intervención*. 2ª edição, Buenos Aires: Paidós, 1999.
- DALY, Mary. *Beyond God the Father: Toward a philosophy of women's liberation*. Boston: Bacon Press, 1973.
- _____. *Feminist post Christian Introduction. The Church and the second sex*. New York: Harper and Row, 1975.
- EISLER, Riane. *El cáliz y la espada. Nuestra historia, nuestro futuro*. Santiago: Cuatro Vientos, 1996.
- FIORINZA, S. Elizabeth. *Pero ella dijo. Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madrid: Trotta, 1996.
- _____. Violência contra a mulher. Em: *Teologia Prática*. Concilium 251 - 1994.
- _____. Mulher-Mulher? Em: *Teologia Feminista*. Concilium 238-1991/6
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade*

de saber. (Tradução de Maria Thereza da Costa e Albuquerque e J. A. Ghuilhon Albuquerque), 14ª edição, Rio de Janeiro: Ediciones Graal, 2001.

_____. *História da sexualidade II. O uso dos prazeres.* (Tradução de Maria Thereza da Costa e Albuquerque), 9ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GEBARA, Ivonne. *Intuiciones ecofeministas. Ensayo para repensar el conocimiento y la religión.* Montevideo: Doble clic, 1998.

_____. *Rompendo o silêncio.* (Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth). Petrópolis: Vozes, 2000.

IMBENS, Annie e JONKER, Ineke. *Christianity and incest.* England, Burns e Oates, 1992.

JOHNSON, Elizabeth, *Aquela que é. O mistério do Deus no trabalho teológico feminino.* (Tradução de Atilio Brunetta). Petrópolis: Vozes, 1995.

MACFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus. Teologia para uma era ecológica e nuclear.* São Paulo: Paulus, 1996.

_____. *The Body of God, and Ecological Theology.* Minneapolis: Fortress Press, 1993.

MARTINEZ, R. Raquel C. *Uma história não contada. Relações de gênero e violência no contexto das famílias da Igreja Metodista no Chile (IMECH) Estudo de Caso.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1999.

MORTON, Nelle. *Journey Is Home.* Boston: Beacon Press, 1986

OLAVARRIA, José. *Hombres, identidades y violencia de género.* Santiago 1998. Disponível em: <<http://www.flasco.cl/masculinidad>>. Acesso em: 11 jun. 2002

RESS, Mary Judith e SEIBERT-CUADRA, Ute (Editoras). *Del cielo a la tierra. Una antología de teología feminista.* Santiago: Sello Azul Editorial de Mujeres, 1995.

WEEMS, RENITA J. *Amor Maltratado. Matrimonio sexo y violencia en los profetas hebreos.* Bilbao: Desclée De Brouwer, 1997.